

Resenha: *Atos e entreatos de uma história*, de Consuelo Nepomuceno

ROBERTO CARLOS DOS SANTOS

Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: profrcsantos@yahoo.com.br

NEPOMUCENO, Consuelo. *Atos e entreatos de uma história*. Patos de Minas (MG): Edição do Autor, 2021.



O livro *Atos e entreatos de uma história* foi recentemente publicado pela professora, atriz e diretora teatral Consuelo Nepomuceno e contempla o entrelaçamento das lembranças da autora com as memórias públicas sobre a sua travessia pelo universo do teatro, no interior de Minas Gerais, ao longo de cinco décadas. Trata-se de uma obra relevante como registro histórico e também como fonte primária para futuros pesquisadores, no âmbito das artes, da história e da literatura. A obra contempla 160 páginas, divididas em 19 capítulos, e é enriquecida com um acervo de fotografias sobre o qual falarei mais adiante. O afeto das memórias é conduzido, em todo o livro, sem perder de vista a cumplicidade e a ternura da relação da autora com o “colo do pai”, ou seja, no colo do artista patense Vicente Nepomuceno (1914-2019).

Consuelo Nepomuceno, há cerca de meio século, tem sua existência configurada para o ofício da arte teatral, ora atuando como atriz, ora encenando e dirigindo tragédias, musicais, comédias etc. Nesse sentido, o seu livro de memórias apresenta-nos a todos um recorte autobiográfico da professora com formação acadêmica em Biologia e mestrado em Educação, que construiu uma relação dialógica entre a sua própria vida e o fazer-se da dramaturgia, sem a mínima possibilidade de um isolar-se do outro. Oriunda de uma extensa família de acadêmicos e artistas atuantes em diferentes áreas, a autora consolidou-se como atriz e diretora de teatro, ocupando incontestável reconhecimento nos mais diversos espaços na cultura regional e local, que envolve espetáculos teatrais em cerimônias religiosas, eventos artísticos e pedagógicos em todos os níveis de ensino, apresentações em ruas e praças e em tradicionais palcos de teatros, principalmente, em Minas Gerais. Portanto, a autora apresenta de forma condensada em seu livro de memórias uma infinidade de experiências sobre a sua labuta como ativista cultural, que disponibiliza para o seu entorno comunitário o teatro como instrumento para aprofundar as nossas reflexões sobre a condição existencial. Tais relatos são instigantes e seduzem-nos para uma leitura sem interrupção, talvez porque as confidências da autora apresentam uma honestidade inigualável e corajosa, sem deixar no esquecimento eventuais erros, perdas e danos. Quedas de artistas do palco, esquecimento de textos, atraso de ônibus, doenças às vésperas dos espetáculos,

severidade de jurados, risos, lágrimas e outras situações fora do *script* são reatualizadas com um refinado humor por Consuelo Nepomuceno e ajudam na composição de um texto permeado pela afetuosidade, poder de improvisação e estímulo ao espírito de grupo.

Consuelo Nepomuceno confessa-nos que a necessidade de escrita e publicação do livro deveu-se sobretudo ao isolamento social adotado como medida de proteção contra a Covid-19. A atmosfera do distanciamento possivelmente atinge com maior intensidade as mentes dos artistas de teatro cujos corpos acostumaram-se ao deleite dos encontros nos palcos. No decorrer de toda a obra, a autora repercute a situação assustadora da pandemia e apresenta-nos dados estatísticos sobre as perdas de vidas no Brasil e no mundo. Diante do caos pandêmico ocorrido no Brasil em função da negligência, obscurantismo e posturas negacionistas de muitas autoridades públicas, a autora revela-se crítica da conjuntura política do país, dignificando o caráter contestatório das injustiças sociais que, em regra, o teatro contempla como, por exemplo, em Brecht ou Boal. Assim, a autora revela o seu espanto e estranhamento:

Mas o outro espetáculo, um espetáculo de dor continua. Hoje, 17 de julho, o Brasil tem 1.163 novas mortes em 24 horas, ultrapassando 77 mil óbitos. Os últimos dados mostram o avanço cada vez mais alarmante da doença. Estamos sem Ministro da Saúde. Esse espetáculo terá fim? (NEPOMUCENO, 2021, p. 154).

Nas memórias confidenciais por Consuelo Nepomuceno, encontra-se um vasto roteiro de suas incontáveis viagens com as respectivas peças teatrais por várias cidades: Juiz de Fora, Teófilo Otoni, Ubá, Passos, Conselheiro Lafaiete, Uberlândia, Congonhas, Araguari, Recanto das Emas (DF), em outras. As peças vinculadas à história da autora recuperam textos originais ou adaptações de clássicos da dramaturgia e da literatura como, por exemplo, *Testemunha de acusação* (Agatha Christie), *Pigmaleoa* (Millôr Fernandes), *O milagre de Anne Sullivan* (William Gibson), *Escola de Mulheres* (Jean-Baptiste Poquelin, Molière), *O embarque de Noé* (Maria Clara Machado), *Auto da compadecida* (Ariano Suassuna), *Édipo Rei* (Sófocles), *Auto da barca do inferno* (Gil Vicente), *Sonho de uma noite de verão* (Shakespeare), *Pedreira das Almas* (Jorge de Andrade), *A bicicleta do condenado* (Fernando Arrabal), *Decamerão* (Giovanni Boccaccio), *O submarino* (Miguel Falabella), *A grande estiagem* (Isaac Magalhães de Albuquerque Gondim Filho) e outros. No rol das peças que tiveram a participação de Consuelo Nepomuceno, obviamente, há outras tantas escritas pelos seus conterrâneos, autores de Patos de Minas. Além disso, obras de grandes escritores e poetas brasileiros como Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Adélia Prado, Maura Lopes Cançado (*Hospício é Deus*), Wilson Pereira (*Pé de poesia*) e Machado de Assis (*O alienista*) tiveram espaço privilegiado em várias montagens das peças de teatro da autora.

Aspecto merecedor de atenção privilegiada no livro é o conjunto de aproximadamente noventa fotografias, que dialogam intimamente com o texto e fornecem aos leitores e leitoras um excelente diário de bordo sobre a relação entre a autora e a história do teatro em Patos de Minas (MG). Esse inventário imagético compõe uma gramática que ilumina determinadas passagens das memórias da autora com

bastante esmero, além de permitir-nos uma completa imersão nas suas confissões¹ de cunho autobiográfico.

Os registros fotográficos do livro, além da relação dialógica harmoniosa com o texto escrito, fornecem um testemunho histórico sobre o frenesi cultural e artístico experimentado por Consuelo Nepomuceno na cidade de Patos de Minas (MG), especialmente nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Nota-se que a seleção das fotografias foi criteriosa e adequadamente distribuída por toda a obra.

A história das imagens no Ocidente permite-nos reconhecer que Platão (427-348 a.C.), na *Alegoria da caverna* associava-as à insignificância e à efemeridade dos sonhos. Honoré de Balzac (1799-1850), por sua vez, tinha pavor em ser fotografado. Até mesmo Marcel Proust (1871-1922), na sua volumosa obra *Em busca do tempo perdido*, apresenta algumas passagens em que os “retratos fotográficos” são adjetivados de forma depreciativa e vistos como algo destituído de conexão com o passado. Todavia, não podemos negar que atualmente vivemos num mundo-imagem:

Os poderes da fotografia, de fato, têm desplatonizado nossa compreensão da realidade, tornando cada vez menos plausível refletir nossa experiência à luz da distinção entre imagens e coisas, entre cópias e originais. Condizia com a atitude depreciativa de Platão no tocante às imagens associá-las a sombras – transitórias, minimamente informativas, imateriais, impotentes copresenças das coisas que as projetam. Mas a força das imagens fotográficas provém de serem elas realidades materiais por si mesmas, depósitos fartamente informativos deixados no rastro do que quer que as tenha emitido, meios poderosos de tomar o lugar da realidade – ao transformar a realidade numa sombra. As imagens são mais reais do que qualquer um poderia supor. E só por constituírem uma fonte ilimitada, que não pode ser exaurida pelo desgaste consumista, há uma razão tanto maior para aplicar o remédio conservacionista. Se pode haver um modo melhor para o mundo real incluir o mundo das imagens, vai demandar uma ecologia não só de coisas reais mas também de imagens. (SONTAG, 2004, p. 196).

Em *Atos e entreatos de uma história*, a relação de fotografias revela a acuidade do olhar da autora em trazer para os anais dos registros históricos e memorialísticos acontecimentos dignos de serem lembrados pelas próximas gerações, ou seja, eternizar aquilo que não deve cair nas águas do rio do esquecimento (*Léthê*), das sombras ou da morte. Dessa forma, o espírito da preservação da memória (*Mnemosyne*) projeta-se na verdade (*Alètheia*) que emerge dos relatos das lembranças prodigiosas da autora e faz do livro uma referência como fonte primária para o desenvolvimento de pesquisas nas áreas da história, literatura e artes, independentemente de recortes locais, regionais ou nacionais.

Considerando que o universo da produção teatral originariamente possui uma natureza dialética, insurgente e revolucionária, o livro relembra-nos a todos aspectos da

¹ *As confissões* é o título da primeira autobiografia da história, escrita pelo teólogo e filósofo africano Santo Agostinho (354-430).

repressão cultural que se instaurou no Brasil por vinte e um anos, decorrentes da ditadura civil-militar (1964-1985). Enquanto no eixo Rio-São Paulo o Teatro de Arena e o Teatro Opinião sofriam com os rigores da censura do regime militar, no interior de Minas Gerais a trajetória da autora não ficou alheia a essa traumática experiência repressiva e revela-nos o seguinte:

O CET sempre foi um núcleo de montagens de peças – algumas brilhantes, significativas, emblemáticas. Duas me vêm agora à memória: *A cidade do absurdo* e *O milagre de Anne Sullivan*. *A cidade do absurdo* é um texto de Romero Nepomuceno, escrito quando ele tinha 16 anos. Na época, todas as peças, infantis ou não, deveriam ser enviadas para a censura federal a fim de serem avaliadas e ajuizadas formalmente com um documento de declaração permitindo a veiculação da obra cultural. *A cidade do absurdo* foi censurada: 18 anos. Foram achados argumentos supostamente comunistas. Algumas frases foram censuradas, vieram com a tarja preta. O Dops (Departamento de Ordem Política e Social), órgão do governo brasileiro, tinha a função de assegurar e disciplinar a ordem entre os artistas e o povo. O Dops marcou data para assistir ao ensaio geral; o objetivo era conferir a retirada dos trechos marcados com uma tarja preta. O ensaio transcorreu tranquilamente. E acreditando que o pessoal do Dops tivesse ido embora, no dia da apresentação, as falas não foram retiradas; o texto foi dito na íntegra. Isso rendeu um grande problema. Para o grupo não ser preso, foi necessário o apoio de um advogado e de amigos. O padre Almir Neves de Medeiros ou o bispo Dom Jorge Scarso, não me lembro qual deles, intercedeu a nosso favor. (NEPOMUCENO, 2021, p. 31).

Teatro não se faz por puro empirismo e, por isso, requer aportes teóricos constantes, ou seja, uma prática de formação continuada. Com esse propósito, o livro revela algumas passagens da autora que tiveram como interlocutores com propósitos de debates e estudos alguns artistas e intelectuais: Paulo Autran (ator, 1922-2007), Moacir Laterza (Professor-UFMG, 1928-2004), Adélia Prado (poeta) e Narciso Teles (Professor-UFU). Além disso, a formação de Consuelo Nepomuceno contemplou também estudos sobre grandes referências do teatro como Stanislavski, Brecht, Beckett, Grotowski etc. Se Stanislavski valorizava a aproximação entre ator e personagem para produzir uma empatia com o público, Brecht protestava para que o ator não se anulasse diante do personagem.

Em situações específicas, o teatro pode ser entendido como contracultura, ou seja, propõe debates inusitados e inovadores sobre fundamentos da civilização ocidental como, por exemplo, a sexualidade, a ciência, a religião etc. É provável que essa característica do “fazer teatral” cause bastante incômodo no poder público e nas instituições, em geral. O teatro atemoriza o *statu quo* e os espaços marcadamente conservadores e provincianos, além de insurgir-se contra o *establishment*. Não há dúvidas de que o teatro é uma possibilidade de se ler a contrapelo os processos históricos, pois todas as pessoas envolvidas com a dramaturgia, inclusive a plateia, ampliam e verticalizam o repertório e a formação cultural. A historicidade do teatro é constantemente redefinida pelos recortes das temporalidades múltiplas e também por

suas respectivas espacialidades. Por isso, deve-se alertar sobre as especificidades das leituras sobre os processos históricos que envolvem o teatro. Tal advertência é-nos ratificada no texto da orelha do livro, escrita pelo prof. Luiz Humberto Arantes (UFU).

A leitura atenta da obra em questão oferece um panorama do teatro como aprofundamento sobre a condição humana, entre aproximações e distanciamentos, com os processos históricos. Pela mediação do teatro é permitido poetizar a vida, radicalizar a existência e imprimir vigor à politização. Infelizmente, a prática teatral de Consuelo Nepomuceno faz emergir também, em alguns momentos, o menosprezo do poder público e institucional pela cultura e pelas artes. Muitas vezes, faltou-lhe o orçamento necessário e justo, mas, mesmo assim, as peças foram realizadas com toda dignidade.

É possível perceber no texto a aceleração gradativa do tempo ao longo das cinco décadas recortadas por Consuelo Nepomuceno. Esse fenômeno identificado nas narrativas da prodigiosa memória da autora revela a sintonia entre seu envolvimento com teatro e as mudanças tecnológicas e culturais ocorridas nesse período. Foi uma época em que as pessoas ampliaram o conjunto de atividades cotidianas e, ao mesmo tempo, em que surgiram e se popularizam outras formas de lazer (TV, videogames, computadores pessoais e shopping-centers e celulares) descompromissadas com a crítica social, o que contribuiu sobremaneira para uma possível despolitização no país. No período pós-1964, com o êxodo rural², a urbanização, a industrialização, a efetivo ingresso de mulheres, negros e estudantes no ativismo político, toma fôlego no Brasil uma modernização conservadora, excludente e concentradora de rendas. Esse fenômeno amplifica o número e o tamanho das favelas, permite o crescente acúmulo de terras nas mãos de latifundiários e oferece empregos nas cidades, em regra degradantes, às pessoas procedentes do campo. Todavia, o período da ditadura civil-militar brasileira com as respectivas práticas de repressão truculenta e censura paradoxalmente foi um tempo de efervescência cultural em muitos segmentos das humanidades e das artes.

Ainda que sob forte abafamento político no país, vivemos, ao mesmo tempo e contraditoriamente, um período de florescimento cultural e intelectual em muitos campos, como na música e no teatro, o que explica, em grande parte, pelo próprio crescimento urbano-industrial, pela expansão do mercado editorial, publicitário e artístico, pelo desenvolvimento das telecomunicações em todo o país e, especialmente, pelo relativo fortalecimento econômico das camadas médias. (RAGO, 1999, p. 73).

A escrita da autora da obra em análise revela a mudança dos ritmos mais lentos da tradição em ritmos mais frenéticos da modernidade ou da pós-modernidade. O espaço que funciona como pano de fundo nas lembranças de Consuelo Nepomuceno é a cidade de Patos de Minas (MG), que sofreu, nos últimos cinquenta anos, profundas transformações devido a um brusco e indócil processo de modernização, inserido no embate entre tradição e modernidade. A autora relembra a existência de quatro cinemas em funcionamento na cidade com os respectivos palcos adequados para apresentação

² Na década de 1970, a população brasileira urbana superou o número de habitantes que residiam no meio rural.

de peças teatrais: Cine Olinta, Cine Tupã, Cine Garza e Cine Riviera. Não há dúvidas de que o teatro é um dispositivo artístico capaz de contribuir sobremaneira para construção das identidades nacionais, regionais e locais. As duas últimas décadas descritas no livro remetem-nos à ideia de velocidade e efemeridade, lembrando-nos as propostas analíticas de Bauman sobre a modernidade líquida (BAUMAN, 2001). As sociabilidades transformam-se e permitem o surgimento contínuo de novas configurações de tempo e espaço. Portanto, a autora teve esse mérito de inscrever meticulosamente no seu texto, ora de forma subsumida, ora mais evidente, o torpor social causado pela intensificação da velocidade e tecnologização do cotidiano profissional e doméstico, em quase todo o planeta, nos últimos cinquenta anos.

Após uma leitura atenta da autobiografia de Consuelo Nepomuceno, *Atos e entreatos de uma história*, restará aos leitores e leitoras a admiração incontestada pela sua “l-ab-uta” ao lado do teatro para alcançar o seu objetivo maior: devotar a própria vida inteiramente ao universo teatral com a certeza de que isso é o que importa em grande medida.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

NEPOMUCENO, Consuelo. **Atos e entreatos de uma história**. Patos de Minas (MG): Edição do Autor, 2021.

RAGO, Margareth. A “nova” historiografia brasileira. **Revista Anos 90**. Porto Alegre, n. 11, julho de 1999, p. 73.

SONTAG, Susan. Mundo-imagem. *In*: SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 167-196.